

DVD  
Material  
Educativo  
para  
Professor  
Propositor

A ARTE IMAGINÁRIA DE  
ELI HEIL



DVDteca

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

**INSTITUTO ARTE NA ESCOLA**

A arte imaginária de Eli Heil / Instituto Arte na Escola ; autoria de Dora Maria Dutra Bay ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2005.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 25)

Foco: PC-3/2005 Processo de Criação

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-26-1

1. Artes - Estudo e ensino 2. Artes - Criação 3. Fantástico 4. Heil, Eli I. Bay, Dora Maria Dutra II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

**MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA**

**Organização:** Instituto Arte na Escola

**Coordenação:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Projeto gráfico e direção de arte:** Oliva Teles Comunicação

**MAPA RIZOMÁTICO**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Concepção:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Concepção gráfica:** Bia Fioretti

**A ARTE IMAGINÁRIA DE ELI HEIL**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Autor deste material:** Dora Maria Dutra Bay

**Revisão de textos:** Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

**Diagramação e arte final:** Jorge Monge

**Autorização de imagens:** Ludmila Picosque Baltazar

**Fotolito, impressão e acabamento:** Indusplan Express

**Tiragem:** 200 exemplares

## DVD

A ARTE IMAGINÁRIA DE ELI HEIL

## Ficha técnica

**Gênero:** Documentário com depoimento da artista.

**Palavras-chave:** Intuição; imaginação criadora; procedimentos técnicos inventivos; volume; imaginário fantástico.

**Foco:** **Processo de Criação.**

**Tema:** A obra de Eli Heil e seu Mundo Ovo.

**Artista abordado:** Eli Heil.

**Indicação:** A partir da 5ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

**Direção:** Maria Ester Rabello.

**Realização/Produção:** Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

**Ano de produção:** 2000.

**Duração:** 23'.

**Coleção/Série:** *O mundo da arte.*

## Sinopse

O documentário apresenta a obra da catarinense Eli Heil. Mostra a artista em seu Mundo Ovo, ateliê e museu, em Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis, cercada de seus trabalhos, representativos de diferentes períodos e organizados conforme critério museológico próprio da artista. Inicia com Eli abrindo o portão, passa pelo jardim e vai adentrando no Mundo Ovo enquanto ela relata sua forma de trabalho, seu caos criador e a concepção do ateliê/museu, o qual lhe possibilita tanto a preservação do patrimônio, quanto ações culturais.

## Trama inventiva

Percurso criador. Olhar/sentir/pensar o que antes, simplesmente, não era. Cada novo olhar é um outro olhar e assim vai se fazendo a obra. Existem vontades. Vontades de artista: projetos, esboços, estudos, protótipos. Vontades da matéria: resistir, provocar, obedecer, dialogar com o artista. Existe um tempo: do devaneio, da vigília criativa, do fazer sem parar, de ficar em silêncio e distante, de viver o caos criador. Existe um espaço: o ateliê. Espaço para produzir, investigar, experimentar. Repouso e reflexão. Espaço-referência. Existe sempre a busca incansável para o artista inventar a sua poética de tal forma que, enquanto a obra se faz, se inventa o modo de fazer. Invenção que, na cartografia, convoca o andarilhar pelo território

**Processo de Criação.**

## O passeio da câmera

O documentário registra O Mundo Ovo de Eli Heil. Começa com a artista recebendo os visitantes. Eli conta sobre as esculturas no ambiente externo, recita suas poesias e fala dos elementos que compõem seu universo imaginário. Prosegue com a visita interna ao museu organizado de forma a preparar o visitante para a “explosão”. Da torre do presépio, passa ao porão onde estão as esculturas de pequeno porte, e, depois, à sala principal que contém as obras de grandes dimensões.

O documentário é dividido em três blocos, e o texto narrativo parece não alcançar a dimensão e a natureza da obra da artista. A câmera acompanha Eli mostrando e falando das obras, capta seu olhar carinhoso para com as criações e o entusiasmo com que recita os próprios versos. A artista trata de maneira pouco usual os elementos da visualidade, o espaço compositivo e o cromatismo, que entrelaçados ao seu estado de espírito, tomam vida própria e constituem sua poética.

O documentário já aponta alternativas para a proposição pedagógica: a sensibilidade e a percepção do artista, a arte e os processos inconscientes, a relação entre vida e obra, o “mundo” de cada um. Optamos por focar a relação entre intuição e intelecto, caos e criação, e a imaginação criadora como aspectos do **Processo de Criação**. Outros focos potenciais são: *Linguagens Artísticas*, meios tradicionais e não tradicionais; *Forma-Conteúdo*, elementos da visualidade e a temática do imaginário fantástico; *Patrimônio Cultural*, *O Mundo Ovo* de Eli Heil como espaço cultural; *Materialidade*, os procedimentos técnicos e inventivos da artista; *Conexões Transdisciplinares*, as relações com psiquismo, arquétipos e inconsciente coletivo e em *Saberes Estéticos e Culturais*, os sistemas simbólicos.

## Sobre Eli Heil

(Palhoça/SC, 1929)

Eu sou artista porque a mente ficou grávida cinco anos para renascer e nascer em borbotões. O Mundo Ovo de Eli Heil surgiu quando houve a explosão do meu cérebro juntamente com a explosão do meu ovário. Puf, puf, puf, já nasci, já nasci, já nasci. Ovo, óvulo, ovário.

Eli Heil

Professora de educação física, Eli começou a desenhar logo depois de um estado de convalescença, já na idade adulta. Segundo a artista, algo estalou dentro dela, lançando uma “célula” que deu origem ao “monstrinho doce”, que a impele a criar.

Lorenz <sup>1</sup> acredita que Eli seja um singular exemplo de explosão criativa popular, normalmente semi-adormecida, e que se manifesta, ocasionalmente, em situações como o carnaval. No caso de Eli, após aflorar, a criatividade permaneceu e se exprime na diversidade de seus trabalhos. No fabulário de seres por ela criados, identifica processos de vivificação, de transformação formal por meio de acréscimos ornamentais e de intensa ligação com o ambiente, tudo isso sustentado pelo fantástico mundo coletivo ilhéu que a influencia.

Andrade <sup>2</sup> percebe na obra de Eli três motivos principais, fontes inesgotáveis de seu impulso criador: a religiosidade, a força genésica e o animismo. **A religiosidade, influenciada pelo catolicismo e pelo candomblé, transparece diretamente nas cerâmicas. A força genésica se manifesta nas figurações de germinação, do ovo, da maternidade, do ventre, nas deformações e nos monstros de grande poder expressivo. Já o animismo se manifesta por meio da representação das transformações, metamorfoses e no encontro entre os seres vivos e os objetos inanimados.**

Perpassando os motivos acima apontados pelo crítico, na arte imaginária de Eli, encontramos alguns elementos significativos recorrentes, de forte conotação simbólica, que apontam para o mundo primordial: o ovo, o pássaro, o coração, os animais, os dentes e outros elementos pontiagudos e formas mandálicas.

A artista trabalha as temáticas e os elementos citados por meio das mais diversas técnicas e processos artísticos, muitas vezes inusitados e descobertos por ela, buscando a poética da matéria de maneira singular. **Explora desenho e pintura, sobre diferentes suportes, escultura, relevos, trançados, bordados, cerâmica, e objetos criados a partir de materiais não usuais, rompendo com os suportes convencionais.**

Serve-se de instrumentos pouco comuns, como o furador de couro que a acompanha desde o início. A artista diz “vomitar criações”, ou seja, deixar sair tudo o que sente, como numa ação reflexa e gestual do psiquismo, quase ritualística. Essa inquietude criativa é, muitas vezes, acompanhada de um “corrupio”, que pode ser entendido como uma energia vital que envolve e revolve sua obra, como num redemoinho, resultando em movimentos espiralados e formas encaracoladas.

Eli participa da 1ª Bienal Latino-Americana de São Paulo, em 1978, e da XVI Bienal de São Paulo, no setor de Arte Incomum, em 1981. Suas obras compõem o acervo dos principais museus brasileiros e estão presentes em alguns no exterior.

Em 1987, inaugurou O Mundo Ovo, museu particular, seu paraíso, erigido para abrigar e disponibilizar ao público o acervo

composto de mais de mil trabalhos. Seus versos recitados junto ao *Anjo-pássaro* dizem:

Cinco anos se passaram, eu me curei, em suas asas eu me grudei; antes ferido, agora colorido. Voamos para este espaço junto com Deus e meu cansaço; e assim concretizei O Mundo Ovo que sempre sonhei.

É lá que se evidencia a singularidade extraordinária da artista, presente desde o portal de entrada. Tem-se a certeza de que ela enaltece o ser humano em seus aspectos sublimes e terríveis através de formas e cores que materializam as criações e invenções de seu monstrinho doce.



## Os olhos da arte

O que vem na mente eu despejo.

Eli Heil

Eli Heil diz “vomitar criações” nos instigando a olhar de perto aspectos do processo de criação, como a relação entre intuição e intelecto, caos e criação, e a imaginação criadora.

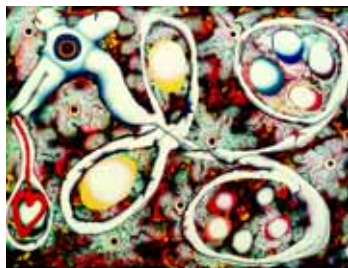
Para Ostrower<sup>3</sup>, a capacidade de criação é um potencial intrínseco ao ser humano. Criar e viver estão interligados, pois a natureza criativa do homem precisa do contexto cultural para se elaborar. Criar é formar, ordenar, ações simbólicas, correspondentes a imperativos existenciais:

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida.

O processo criativo gera tensão psíquica, e o artista deve ser capaz de suportá-la, articulando forças internas com níveis de consciência, pois só o conflito emocional não traz a criatividade, a criação artística demanda algum controle consciente. A intuição fornece a base para os processos criativos, assegurando a



Eli Heil - *O pássaro jogando ovos*, 2001  
Acrílica sobre tela e eucatex – 30 x 40 cm  
Museu de Arte de Santa Catarina



Eli Heil - *Os animais*, 1986  
Óleo sobre tela – 100 x 80 cm  
Museu de Arte de Santa Catarina

capacidade de tratar com situações inusitadas e agir de imediato frente a elas. Assim, os processos intuitivos interiores desencadeiam ações que fazem parte do ato de criar enquanto atuação existencial.

Ao interagir com o intelecto, a intuição também se relaciona com a percepção e a complexidade do pensar humano. Para Arnheim<sup>4</sup>, a percepção estética é um caso especial, pois as artes “nos oferecem a experiência de observar a intuição em atividade”, como o caso da composição e execução musical e da dança. O autor nos oferece uma valiosa observação relativa ao processo educativo:

A intuição e o intelecto não operam separadamente, mas em quase todos os casos, necessitam de cooperação mútua. Em educação, negligenciar uma delas em favor da outra, ou mantê-las separadas, é algo que só tende a mutilar as mentes que estamos tentando educar.

A parceria intuição-intelecto leva à outra, caos e organização. Eli faz alusão ao caos criador, ao caminho de construção da obra, que vai de um estado caótico, uma necessidade compulsiva, à satisfação, ainda que relativa ou passageira, gerada pela elaboração da obra.

Muito mais do que a simples capacidade de pensar em algo ausente por meio de imagens, a imaginação é um meio de interpretar o mundo, proporciona ir além do simples plano do sensorio perceptivo. Mesmo antes de pensar já imaginamos, e tudo que diz respeito ao lúdico, ao onírico, ao místico e ao estético é do domínio da imaginação. A imaginação e o imaginário pertencem



a uma dimensão antropológica que interatua com o racional, em constante tensão. Assim, bem além da capacidade de fantasiar, a imaginação é um instrumento que leva a dar sentido às sensações e ao mundo como representação significativa.

Para Bachelard, as imagens imaginadas, que se diferenciam das criadas pela imaginação reprodutora com base na percepção e na memória, são algo como unidades de devaneio, já que este devaneio sempre nos leva a imaginar um novo cosmos. Entende que “o devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para belos mundos”.<sup>5</sup> A imagem poética e a imaginação criativa iluminam a consciência, jogam sobre ela intensa luz.

O processo de criação de Eli lembra o da artista francesa Niki de Saint-Phalle, pois encontramos nelas semelhante vocabulário e conhecimento intuitivo, fértil imaginação criadora, experimentação e ruptura, expressos pela ludicidade da obra, na volumetria e no intenso colorido. Seu Jardim do Tarot guarda relações com O Mundo Ovo de Eli Heil. Como uma espécie de parque temático, esse jardim (Toscana, Itália) se constitui de figuras em grande escala, numa alegoria às cartas do tarô.

Outra aproximação é com a Oficina Cerâmica de Francisco Brennand<sup>6</sup>, que utiliza uma antiga fábrica de tijolos da família, em Recife, como ateliê, composto de espaços mito-mágicos, criando ambientes propícios ao sonho e ao devaneio. Em 1971, transformou o espaço em oficina-museu, também visto como templo-jardim.

A relação entre os processos de criação de Eli, Niki e Brennand, e suas *casas-museus-oficinas* direcionam a Bachelard<sup>7</sup>, ao explicar a poética existente no espaço da casa:

...a casa é das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio.

...ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É o corpo, é a alma. É o primeiro mundo do ser humano.

...e sempre, em nossos devaneios, ela é um grande berço.

...a vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.

## O passeio dos olhos do professor

Sugerimos que você assista ao documentário atentamente antes de iniciar o planejamento da ação educativa. Recomendamos anotar impressões e idéias, uma espécie de diário de bordo, para auxiliá-lo no planejamento pedagógico. As questões seguintes podem desencadear respostas norteadoras de uma pauta do olhar.

- O que o documentário desperta em você? Quais questões ele provoca?
- Para você, o que é mais relevante no documentário?
- No documentário, Eli Heil diz: “não tenho hora para criar, quando eu começo a fazer, eu crio, crio, crio. Depois fico cansada...” Quais relações você percebe entre essa fala, a vida e a obra da artista?
- Se, para a artista, “arte purifica o espírito, conserva o corpo; enche os olhos do outro de um clarão também mágico pela aventura de ser escolhido, de ver e sentir junto ao artista, corpo a corpo”, quais relações você identifica entre a obra visual e o discurso da artista?
- Ouve-se, no documentário, o seguinte comentário em voz off: “... a obra é somatização das doenças da artista. (...) foi a cura para uma longa doença...”. Para você, é adequado atribuir à obra de arte a somatização de doenças ou uma patologia à criação artística? O que diferencia o fazer artístico de Eli do fazer em arte-terapia?
- Revendo a fala “estátuas no jardim tratadas como flores...” em voz off no documentário, seria impróprio nomear de estátua essas obras da artista? O que isto parece revelar?
- Qual o foco de trabalho em sala de aula e quais indicadores de proposições pedagógicas que o documentário pode desencadear?

Volte às anotações para que possa decidir as opções de trabalho. É o seu momento de reflexão sobre o foco do documentário, retome o que conhece sobre processo criativo na infância e na adolescência, além do seu próprio e, então, crie a pauta do olhar para os alunos.



## Percurso com desafios estéticos

O mapa potencial do documentário oferece possíveis caminhos para o foco **Processo de Criação**. Consideramos esse um enfoque de relevância, por abordar a liberdade de criação, a emergência de conteúdos inconscientes, a diversidade de técnicas e materiais utilizados, os processos intuitivos, a imaginação criativa e os elementos da visualidade. As propostas apresentadas são sugestões que convidam o professor-propositor à investigação e experimentação, em consonância com os alunos e seus interesses, como também à adequação ao planejamento. Observamos que não há ordem seqüencial rígida nos percursos, e a interpenetração entre os tópicos é desejada.



## O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

### ● **Meu mundo**

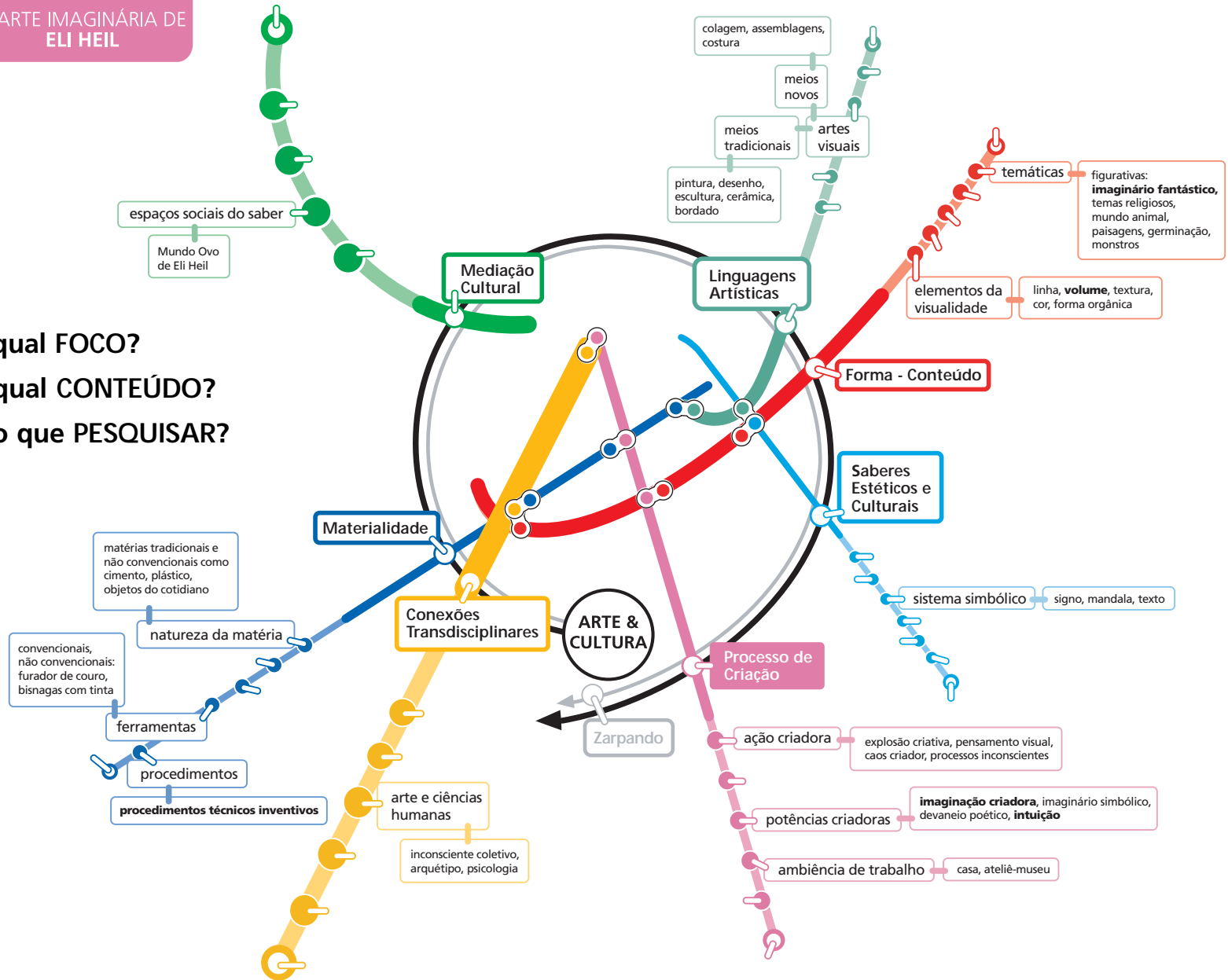
Uma maneira de entrada para o documentário é o professor levar para a sala de aula diferentes revistas e solicitar aos alunos que recortem formas, figuras, personagens e lugares que façam parte do mundo particular de cada um. Com os recortes, é possível criar uma colagem, falar sobre ela e, ao final, compor um grande painel mostrando um “mundo coletivo”. Sugerimos realizar esta etapa antes de assistir ao documentário. De preferência, escolha um dos blocos para iniciar.

### ● **O artista e a mancha**

Outra forma de introdução ao tema é apresentar o texto da poesia *Eu sou mancha vivente*, de autoria de Eli, que está transcrita neste material, em *Ampliando o olhar*. Leia-o e discuta o que pode significar ser *mancha vivente*, estar numa *parede limpa* ou numa *parede suja*; o que é ser artista, como o artista cria, e como será a obra da autora do poema. Sugerimos que esta atividade seja realizada antes de assistirem ao primeiro bloco do documentário.

**Mapa potencial**  
A ARTE IMAGINÁRIA DE ELI HEIL

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



## ● Encadeando

Esta proposta traz a criação de um desenho coletivo, feito em seqüência: guiados todos pelo fio do pensamento visual “meu mundo, minha mancha”, um aluno desenhará a partir do que já foi desenhado por outro <sup>8</sup>. Ao final, converse sobre as relações entre pensamento e visualidade, explorando algumas questões: como se expressa o pensamento visual? Por meio do pensamento visual podemos expressar somente o que existe no real? Nesta proposição a idéia é assistir ao documentário por inteiro.

As sugestões apresentadas indicam caminhos possíveis para provocar o olhar dos alunos para assistirem ao documentário. Elas apontam para o desvelar de novos olhares, incentivando opiniões diferenciadas e novos sentidos que alarguem o entendimento de questões envolvendo a imaginação, o pensamento visual, os processos de criação em arte e o papel do artista na sociedade.

Você poderá recorrer ao documentário para retomar o tema, esclarecer algum depoimento relevante da artista, ou enfatizar determinado aspecto das obras. Congelar a imagem para possibilitar apreciação, leitura e discussão mais prolongada é uma forma simples de fazer isso.



## Desvelando a poética pessoal

Muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de idéias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização.

Trata-se de uma trajetória que parte de um estado de insatisfação...

...o que vem primeiro não é a idéia, nem a história ou os personagens, mas a angústia.

Cecília Almeida Salles <sup>9</sup>

As proposições de poética pessoal são possibilidades de criação para os alunos. Para que uma prática de criação leve o aluno ao mergulho no caos criador e convoque o seu pensamento

visual, é importante trabalhar uma seqüência de criações de modo a desenvolver o pensamento artístico, na descoberta da poética pessoal.

As proposições, a seguir, são provocações para liberar a imaginação, experimentando percursos de pensamento visual com recursos plásticos e materiais diferenciados.

### ☉ **Livrinho de monstros**

Monstro da tentação, monstro do lago, monstro minhocão, monstro peludo, monstro com três cabeças, monstro com um olho só, monstro com três fileiras de dente que se encaixam como os de um pente, monstro... A proposta é trabalhar a idéia "monstro" por várias imagens através do desenho, montando um pequeno livro. Os desenhos são feitos em papel A4, na posição vertical. É importante que os desenhos ocupem toda a folha. Finalizada a série de monstros, é possível fazer uma encadernação com espiral, ou então, com grampeador. Pronto o livrinho, as folhas recebem dois cortes que dividem o papel A4 em três partes iguais de modo que o manuseio do livro permita a brincadeira de fazer combinações entre as diferentes partes dos monstros, gerando, pelo manuseio, outros monstros.

### ☉ **Seres imaginários**

Como a obra *Anjo-pássaro*, mostrada no documentário, a idéia é criar seres imaginários como homens-marinhos, cavalos celestiais, serpentes musicais, peixes voadores, centauros... É possível utilizar papel machê ou materiais não convencionais descartados por estabelecimentos comerciais, ou então mais específicos e sofisticados, conforme as possibilidades. Cada aluno poderá fazer vários seres imaginários e, depois, em grupos, construir uma instalação em lugar a ser escolhido na escola ou em praça próxima.

### ☉ **Uma imagem, várias idéias**

A partir dos sugestivos títulos de algumas obras de Eli que podem servir como estímulo imagético à imaginação (*Animal desfiado*, *Vaso de cérebro*, *O mundo dentro da esperança*,

*Quem sou eu?, Bicho-ovo, Mulher caracol, Cavalo trança, Minha mente cria tanto que dá para fazer um nó no pescoço, A verdade nua e crua, O vermelho vai e volta*, os alunos podem criar servindo-se de desenho ou pintura, sobre diferentes suportes, diferentes idéias visuais para o mesmo título. Depois de terminado os trabalhos, vocês podem agrupar os que partiram do mesmo título e discutir as diferenças e semelhanças, relacionando-as com a imaginação, com o processo de criação e com vivências pessoais.

## Ampliando o olhar

- A partir dos comentários de críticos, artistas e colecionadores retirados de catálogos de exposições de Eli, você poderá provocar questões sobre o alargamento do olhar proporcionado pela crítica de arte e outros discursos sobre a arte. É também a oportunidade para solicitar aos alunos que realizem uma leitura das criações dos colegas destacando as singularidades.

Ao vermos este mundo de Eli, parece-nos poder perceber uma centelha do que foi a vertigem, o sonho da criação do Universo; brincando e sofrendo por um gesto de puro amor, Eli cria (vomita criações), forma seu microcosmos feito como que de seu sangue, suas vísceras, seu pus. Mas a explosão dos vermelhos, dos amarelos luminosos, os azuis e os verdes não nos escondem sua alegria, sua paixão pelo mundo e pelos seres.

Jandira Lorenz, artista plástica. <sup>10</sup>

Eli é contemporânea do Padre Eterno; sua pintura é do primeiro dia da criação.

Sebastião Nery, artista plástico e crítico de arte. <sup>11</sup>

Nos últimos anos, conhecer a obra de Eli, e ver a retrospectiva de Picasso, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, foram minhas maiores emoções sobre arte.

Ross Runnels, colecionador norte-americano. <sup>12</sup>

- A nutrição poética de Eli pode ser uma base para refletir acerca do sentimento e do discurso do artista sobre sua obra.

**Eu Sou Mancha Vivente** <sup>13</sup>

Vive na mente  
O corpo não sente  
Mas sei que sou gente  
Solta no ar  
Alma para amar  
Olhos para chorar  
Boca para gritar  
Gente, Gente, Gente!  
Só tenho colorido na mente  
Mancha na minha frente  
Eu sou mancha vivente  
Às vezes sou gente  
Outras sou toda uma vida  
Uma depressão de repente  
Viro mancha colorida  
Posso estar numa parede limpa  
Posso estar numa parede suja  
Esquecendo o mau trato da vida  
Para que a vida não fuja  
Que bom ser mancha vivente!  
Pelo menos minha mente  
Esquece por um instante  
O desabrigo de tudo  
Que está na minha frente.

- A visita a um ateliê ou museu pessoal de algum artista da localidade da escola pode desencadear uma aproximação do olhar em correlação com O Mundo Ovo de Eli Heil.
- A exploração de sites sempre é interessante. Sugerimos o do Museu de Arte de Santa Catarina, no qual encontra-se um resumo da experiência educativa realizada em parceria com o Colégio de Aplicação da UFSC, com a participação de Eli, o do Museu de Imagens do Inconsciente e do Museu de Arte Naïf.
- Niki de Saint-Phalle cria figuras femininas imensas, voluptuosas, as Nanas, de cores vibrantes, feitas originalmente de papel machê e poliéster. Algumas são construídas de forma que permitem a entrada, geralmente pela vagina. Sua obra mais conhecida é a escultura cinética *Fonte*, colocada no espelho d'água em frente ao Centro Georges Pompidou, em Paris. Visitando seu site oficial, que semelhanças e diferenças entre suas obras e as de Heil os alunos percebem?



- Na Oficina Cerâmica de Francisco Brennand, o espaço parece uma grande instalação silenciosa, povoada de animais, seres mitológicos e arquetípicos, como ovos e guardiões, feitos de cerâmica. Muitas vezes as alegorias e símbolos criam lugares especiais, nichos que despertam a meditação, verdadeiros santuários moldados em argila. É também aí que o artista mantém um espaço de aprendizagem de técnicas tradicionais e pesquisa em cerâmica, para a formação de outros artistas-artesões. A exploração do site oficial pode revelar os entes que a imaginação criadora de Brennand engendrou, nutrindo o imaginário dos alunos em conjunto com O Mundo Ovo de Eli Heil.

## **Conhecendo pela pesquisa**

Conhecer pela pesquisa oportuniza ainda mais o aprofundamento das questões aqui levantadas a partir do documentário. Sugerimos atividades de estudo e investigação por meio de diferentes e variadas fontes de informações, como bibliografia específica, entrevistas, pesquisas *in loco*, consultas via internet, etc.

- O impulso criador, a liberdade criativa e o uso dos mais diversos e inusitados materiais e técnicas presentes em Eli Heil apontam para um encontro com a obra de Arthur Bispo do Rosario e de Gabriel Joaquim dos Santos, criador da Casa da Flor. A sugestão é pesquisar sobre esses artistas e procurar semelhanças e diferenças entre suas obras e processos de criação.
- Rudolf Arnheim <sup>14</sup>, ao se referir ao pensamento visual, afirma que todo nosso pensar, não só o relacionado à arte, é basicamente perceptual em sua natureza, sendo falsa a dicotomia entre ver e pensar, entre perceber e raciocinar. Será que os alunos pensam que só pensamos por palavras? Traga essa questão para a classe. Talvez eles se interessem em fazer uma pesquisa com os pais, colegas e outros professores sobre isso.
- A obra de Eli é rica em elementos simbólicos, como ovo, coração, casa, morro, monstros, dentes, animais e outros, cujas interpretações podem ampliar o repertório dos educandos. Sugerimos averiguar os significados das formas, trazendo suas conotações para o contexto atual.

- É possível estabelecer conexões entre a obra de Eli e algumas vertentes expressionistas, como a art brut, o fauvismo e o grupo CoBrA, pela via do colorismo intenso, da expressividade e da espontaneidade do gesto e do traço. Também as obras *A verdade nua e crua - nus azuis, nus vermelhos e nus brancos* – remetem ao quadro *A dança*, de Henri Matisse, alguns painéis resultantes da *fase de espremer*, *painéis derramantes*, lembram o *dripping* de Jackson Pollock, da década de 50 do século 20. Quais relações os alunos podem encontrar ao pesquisar sobre essas vertentes e artistas?
- Quais são os seres fantásticos que habitam o imaginário contemporâneo? A visita ao site oficial do artista H.R. Giger pode mover uma investigação a partir de seus incríveis seres “intergalácticos” que povoam o universo da ficção contemporânea.

### **Amarrações de sentidos: portfólio**

Este é o momento do professor e alunos explicitarem e enfatizarem o encadeamento de todo o processo de trabalho, o entendimento do sentido global do estudo sobre a artista, os processos de criação e as poéticas pessoais.

A proposta pode ser a montagem de um portfólio do tipo “Meu mundo”. Construído tridimensionalmente em forma de um animal, coração, ovo, casa, morro, ou outro formato significativo para o aluno, capaz de abrigar e organizar os trabalhos e pesquisas do período. A montagem e a organização do portfólio demandam seleção e preparo dos trabalhos, o que já é parte da amarração de sentidos e encaminhamento para avaliação. Os “mundos” poderão ser expostos na escola e se tornarão uma maneira de socializar a criação e o conhecimento dos alunos.

### **Valorizando a processualidade**

Quais transformações ocorreram no entendimento e no conhecimento dos alunos a respeito de criatividade, processos de criação, imaginação, inter-relação entre mundo externo e mundo interno, percursos pessoais, expressão visual e expressão oral, e outros que possam surgir no decorrer do trabalho?

A apresentação dos portfólios, a discussão do conteúdo e a construção deles oferecem elementos significativos para a avaliação. Da mesma forma, o diário de bordo do professor-propositor e as anotações ao longo do processo podem desencadear reflexões e idéias para projetos futuros. Neste momento, você pode repensar proposições de trabalho que já tenha planejado. É também a oportunidade para sedimentar, reorientar descobertas e idéias que tenham aparecido, considerando o foco no processo criativo e na imaginação.

## Glossário

**Dripping** – termo inglês, significando algo que pinga. Empregado para designar a técnica de pintura através do gotejamento da tinta direto sobre a tela estendida no chão; é a *ação pictórica* de Pollock, uma espécie de *balé onírico*, de modo que a pintura exprime, por ela mesma, *os movimentos profundos do ser*. Fonte: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.681.

**Fauvismo** - surgiu na Europa no início do século 20, sob a liderança de Henri Matisse. A primeira aparição dos fauvistas foi no Salão de Outono, em Paris, 1905. Logo após a exposição no Salão dos Independentes, foram chamados de *fauves*, feras, em francês, pela crítica, por causa do emprego de cores fortes e intensas. Participaram do grupo os pintores Albert Marquet, André Derain, Maurice de Vlaminck, Raoul Dufy e Georges Rouault. Fonte: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo; Companhia das Letras, 1992, p.228-229.

**Grupo CoBrA** - existiu entre 1948 e 1951, marcando efetivamente a história das artes visuais. O movimento teve início em Paris, quando artistas dinamarqueses, belgas e holandeses, (daí a composição do nome, CO, de Copenhague, Br, de Bruxelas e A, de Amsterdã), revoltaram-se contra uma conferência internacional sobre arte de vanguarda, e redigiram manifesto assinado por Christian Dotremont, Asger Oluf Jorn, Joseph Noiret, Karel Appel, Constant e Corneille Guillaume Beverloo, em nome dos grupos de arte experimental de seus países. A proposta era um trabalho artístico conjunto, sustentado em suas experiências nacionais pessoais diversificadas. Fonte: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo; Companhia das Letras, 1992, p.540 - 541.

**Mandala** – forma composta de círculos e quadrados concêntricos, usada para meditação, que em sânscrito significa círculo mágico. Segundo a interpretação jungiana, o mandala simboliza o centro, a totalidade da psique ou de Si-Mesmo. Fonte: GRIMBERG, Luiz Paulo. *Jung – o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997, p.228.

**Pensamento visual** – é uma modalidade de pensamento essencialmente não-verbal, dotado de um modo de expressão próprio, o que cria sua diferença em relação às outras modalidades de pensamento. Para Arnheim, “o que é necessário reconhecer é que as formas perceptivas e pictóricas não são a tradução dos produtos do pensamento, mas o sangue e a carne do próprio pensamento, e que o ininterrupto alcance da interpretação visual abarca desde as humildes expressões da comunicação cotidiana até aos enunciados da grande arte.” Fonte: ARNHEIM, Rudolf. *El pensamiento visual*. Buenos Aires: Eudeba, 1985, p. 131.

**Símbolo/simbolismo/sistema simbólico** – é portador de significação e se caracteriza pela versatilidade e não pela uniformidade. A linguagem verbal, a arte, o mito e a religião para o filósofo Cassirer são parte do universo simbólico construído pelo ser humano. Fonte: CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## Bibliografia

ARNHEIM, Rudolf. *Intuição e intelecto na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ARAÚJO, Adalice M. *Mito e magia na arte catarinense*. Curitiba: Editora da UFP, 1978.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Bartrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CAMPOS, Neide Pelaez e COSTA, Fabíola Búrigo (org.). *Artes visuais e escola: para aprender e ensinar com imagens*. Florianópolis: Editora da UFSC/Nup, 2003.

HEIL, Eli. *Vomitando sentimentos*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2000.

LAUS, Ruth. *Harry Laus: artes plásticas*. Tijucas: Centro Cultural Harry Laus, 1996.

LORENZ, Jandira. *A obra plástica de Eli Heil*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.

## Catálogos

Os símbolos na arte de Eli Heil. Florianópolis: SESC/ Museu de Arte de Santa Catarina, 2002. Texto de João Evangelista de Andrade.

Pinturas e desenhos de Eli Heil. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da USP. 1996. Texto de Walter Zanini.

## Seleção de endereços sobre cinema na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 20 jun. 2005.

BRENNAND, Francisco. Disponível em: <[www.brennand.com.br](http://www.brennand.com.br)>.

CASA DA FLOR. Disponível em: <[www.casadaflor.org.br](http://www.casadaflor.org.br)>.

HEIL, Eli. Disponível em: <[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)>.

MUSEU de Arte de Santa Catarina. Disponível em: <[www.masc.sc.gov.br](http://www.masc.sc.gov.br)>.

MUSEU Internacional de Art Naif do Brasil. Disponível em: <<http://museunaif.com.br/>>.

MUSEU de Imagens do Inconsciente. Disponível em: <<http://museuimagensdoinconsciente.org.br/>>.

SAINT-PHALLE, Niki de. Disponível em: <[www.nikidesaintphalle.com](http://www.nikidesaintphalle.com)>.

## Notas

<sup>1</sup> Jandira LORENZ, *A obra plástica de Eli Heil*, p.50.

<sup>2</sup> ANDRADE, João Evangelista de. *Os símbolos na arte de Eli Heil*. Florianópolis: SESC/ Museu de Arte de Santa Catarina, 2002.

<sup>3</sup> Fayga OSTROWER, *Criatividade e processos de criação*, p. 28-29.

<sup>4</sup> Rudolf ARNHEIM, *Intuição e intelecto na arte*, p. 13-29.

<sup>5</sup> Gaston BACHELARD, *A poética do devaneio*, p.13.

<sup>6</sup> A DVDteca Arte na Escola possui um documentário sobre o artista no qual toda exuberância de sua obra pode ser bem explorada.

<sup>7</sup> Gaston BACHELARD, *A poética do espaço*, p.26.

<sup>8</sup> Proposta de desenho originária dos “jogos” dos surrealistas, os quais visavam comprovar a potência criadora do inconsciente; para eles eram equivalentes visuais à livre associação de idéias da psicanálise freudiana. Hoje pode ser associado ao pensamento visual.

<sup>9</sup> Cecília SALLES, *Gesto inacabado*: processo de criação artística, p. 32-33.

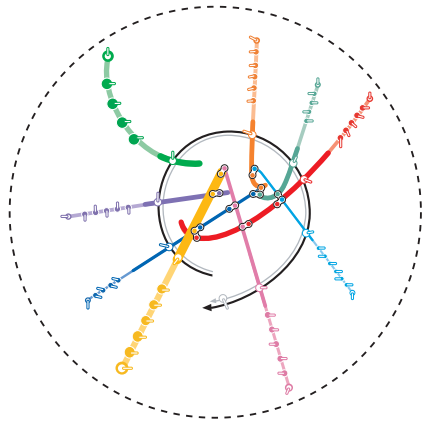
<sup>10</sup> *Op. cit.* Jandira Lorenz, p. 53.

<sup>11</sup> Adalice ARAÚJO, *Mito e magia na arte catarinense*, p. 99.

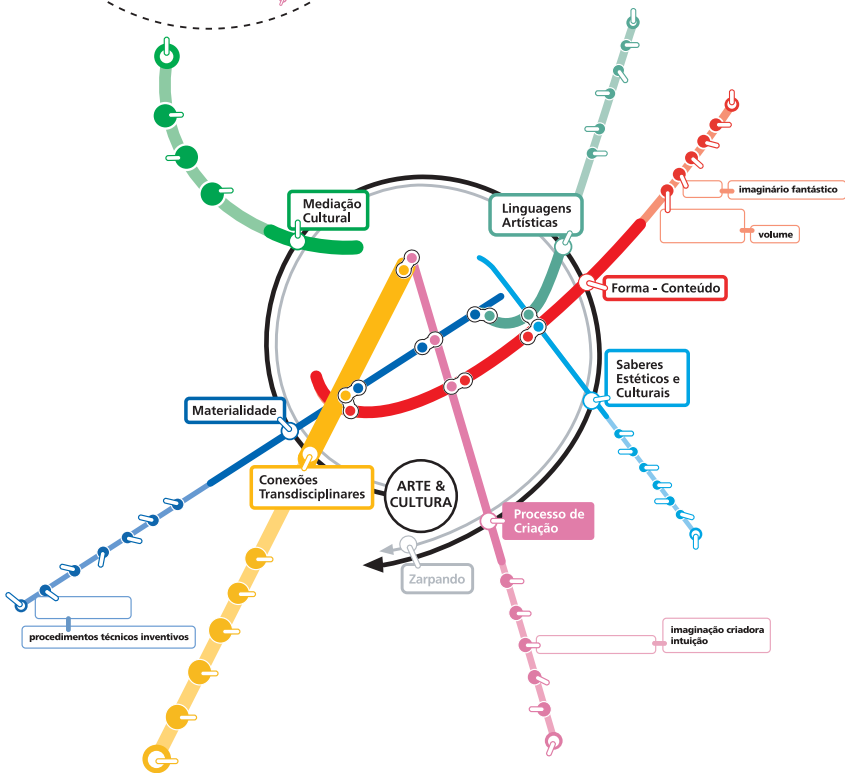
<sup>12</sup> Ruter LAUS, *Harry Laus*: artes plásticas, p 117.

<sup>13</sup> Eli HEIL, *Vomitando sentimentos*, pág. 16.

<sup>14</sup> Para Arnheim, perceber e pensar estão indivisivelmente entrelaçados – “o pensamento produtivo, em qualquer das áreas da cognição, tem lugar no reino das imagens”. Ele considera, entretanto, que o pensamento perceptivo envolve outras modalidades sensoriais e uma íntima cooperação entre todos os sentidos. Fonte: ARNHEIM, Rudolf. *El pensamiento visual*. Buenos Aires: Eudeba, 1985, p. IX (prefácio).



**Mapa potencial**  
A ARTE IMAGINÁRIA DE ELI HEIL



Patrocínio | Organização



[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)

O BANCO DO DESENVOLVIMENTO DE TODOS OS BRASILEIROS